

Painel indica que ecossistema de inovação precisa de constância de investimentos e maior integração entre os seus atores

02/08/2024

Representantes de parques tecnológicos e associações promotoras da inovação se reuniram na 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (5CNCTI), nesta quinta-feira (1º), para discutir o futuro dos ecossistemas da inovação no Brasil, avaliando e apontando perspectivas sobre esse ambiente, que converge pessoas, empresas e instituições de pesquisa no esforço dos empreendimentos inovadores. A existência dos parques tecnológicos, centros de inovação, hubs e aceleradoras de startups, incubadoras de empresas, entre outros agentes promotores, tem 20 anos no Brasil, mas enfrenta o que o coordenador do painel, Jorge Audy, identifica como modelo de rajadas: com impulsos importantes em alguns momentos, mas longos períodos sem investimento.

O painel reuniu falas de outras lideranças desse ecossistema: Adriana Faria (Anprotec/IASP); Raul Lima (USP); Rodrigo Reis (UFPA/Parque Tecnológico Guamá), e Silvio Bittencourt (Unisinos/Tecnosinos), tendo como relator Maurício Guedes (UFRJ, Sedeics-RJ). Realizada pelo MCTI e organizada pelo CGEE (Centro de Gestão e Estudos Estratégicos), organização social supervisionada pelo ministério, a 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação tem como principal objetivo discutir com a sociedade as necessidades na área de CT&I e propor recomendações para a elaboração de uma nova Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) até 2030. A 5ª Conferência conta com o patrocínio Master do Banco do

Brasil e da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), patrocínio Ouro da Positivo e WideLabs, e patrocínio Prata da Caixa Econômica Federal e Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro).

Superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUC-RS e do parque científico e tecnológico Tecnopuc, integrando também a diretoria executiva da Associação Internacional dos Parques Científicos e Áreas de Inovação (IASP), Jorge Audy abriu a mesa destacando a importância da inovação nas universidades. O exemplo mundial reforça essa percepção, oito dentre as dez das maiores empresas do mundo nasceram de parques tecnológicos universitários. Para isso acontecer no Brasil, o coordenador da mesa indicou que as universidades precisam elevar o foco em empreendedorismo ao mesmo nível da missão tradicional em ensino e pesquisa, integrando também a pós-graduação com o setor produtivo. Audy sublinha que as iniciativas para a inovação também não funcionam em níveis secundários na hierarquia das instituições, pois demandam esforços estratégicos e marcos administrativos.

A presidente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) e Associação Internacional de Parques Científicos e Áreas de Inovação (IASP), Adriana Faria, recomendou a integração dos ambientes da inovação, percebendo que a abrangência do Ecossistema vai bem além dos parques tecnológicos ou clusters. Apontou a necessidade de atualizar os critérios do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), concebido há mais de 20 anos sem contemplar empreendedorismo e inovação. Adriana também ressalta a importância das incubadoras de empresa, que continuam sendo instrumentos para povoar os parques e distritos de inovação com novas empresas de base tecnológica.

Diretor do Parque Tecnológico Guamá, o professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) Rodrigo Reis chamou a atenção para a diversidade regional em relação aos ambientes de inovação. Exemplificou a condição da Amazônia, que tem

apelo maior à bioeconomia e se difere de outras regiões mais ligadas à indústria tradicional, muitas vezes mais reativas às iniciativas de inovação. Também frisou a necessidade expandir esse ecossistema no Brasil, abarcando ambientes de inovação menores no interior do país, que possuem grande capacidade de crescimento. Nesse esforço, Rodrigo destaca que é importante avaliar o impacto socioambiental dos projetos, promovendo a inovação de forma sustentável e conectando os territórios locais.

O professor da Universidade do Vale do Sinos (Unisinos), Silvio Bittencourt, diretor do Parque Tecnológico São Leopoldo (Tecnosinos), do Rio Grande do Sul, abordou o marco regulatório legal das startups e do empreendedorismo inovador no Brasil, estabelecido pela Lei Complementar nº 182/2021, que define as bases de um ecossistema mais dinâmico, enfatizando o papel dos municípios e estados. Observou que, no entanto, a aplicação da lei é atrasada pela falta de normatização nesses níveis de governo, de modo a criar medidas que favoreçam que o ecossistema se amplie. Bittencourt defende a ideia de inovação aberta, deixando claro que os desafios a serem enfrentados como sociedade não têm resposta individualmente, mas, por meio de arranjos e colaboração entre esses entes do ecossistema.

O professor Raul Lima, pró-reitor de Inovação da Universidade de São Paulo (USP), enfatizou o papel das *deeptechs* e da criação de startups decorrentes do desenvolvimento tecnológico acadêmico (*spinoffs*) acadêmicos. Conceituou a definição de *deeptech* como uma classe de empresas nascentes que desenvolve novos processos produtos, baseados em resultados da ciência ou significativa inovação da engenharia, o que hoje está no foco da USP, que tem 77% das empresas incubadas nesse perfil. Esse nível tecnológico profundo de elaboração de produto de inovação agrega valor à capacidade de empreendedorismo do meio acadêmico e pode ser um caminho para atrair mais o capital.

“Deeptechs precisam de infraestrutura especializada, pesquisa

e desenvolvimento bem rigorosos e laboratórios na fronteira das técnicas de medição, de modo que ocorra essa cocriação”, explica o gestor de inovação da USP, que recomenda ainda a proximidade com os setores da sociedade a serem beneficiados.

Ao final do painel, o relator Maurício Guedes, superintendente de Inovação e Sustentabilidade no estado do Rio de Janeiro (Sedeics-RJ) destacou os 40 anos da criação da primeira política brasileira de apoio a parques tecnológicos no Brasil, concebida pelo então presidente do CNPq, Lynaldo Cavalcanti. Guedes fez um paralelo dessa capacidade visionária, com a falta ainda hoje da concretização de resultados mais amplos de inovação. “Não podemos continuar acumulando doutores e pesquisadores que fiquem restritos ao ambiente de ensino e espera por concursos. Em qualquer país do mundo, o ambiente da inovação precisa ter um equilíbrio entre acadêmicos e empresários, pois o ecossistema da inovação emerge justamente dessas conexões”, conclui o relator.

Assista à íntegra do painel no [canal do MCTI no YouTube](#).

Fonte: Ascom/MCTI.